



PORTEGAIS - FRANÇAIS

QUÉBEC

JORNAL COMUNITÁRIO EM PORTUGUÊS

Portuscale

JOURNAL COMMUNAUTAIRE EN FRANÇAIS

CANADA

Ce matin mon fils m'a dit qu'il avait mal à l'oreille. Je lui ai demandé si ça lui faisait mal à l'intérieur ou à l'extérieur? Donc il est sorti dehors puis il est revenu et m'a dit "les deux".

Dans ce moments-là je me demande si je n'économise pas un peu trop pour l'université...



Num. 226 Ano / An 9 - 3 de Dezembro / 3 décembre 2022

# 1º de Dezembro de 1640

Paço da Ribeira, Lisboa

A morte de  
um Traidor

Portugal  
enfim  
LIVRE

Passemos  
a utilizar  
esta data  
como  
DIA DE  
PORTUGAL



Conti.pág.3

Ver na página 15 o pedido de apoio aos Comandos de Portugal

Visitez  
Portugal



Le païs du Soleil

# A Chuva e o Bom Tempo

Julgando um dever cumprir, / sem descer do meu critério /  
Digo verdades a rir, / Aos que me mentem a sério.

*António Aleixo 1899-1949*

## Opinião

*NDR-Habitualmente guardo este espaço para expressar uma ou mais opiniões sobre assuntos que de um modo geral preocupam muitos dos nossos leitores e amigos. Nossos concidadãos.*

*Desta vez, porém, após ler um texto recebido da autoria de — imagino —um jornalista do conceituado jornal Observador, decidi colocá-lo neste pequeno rectângulo em lugar da opinião de normalmente alinhavo.*

*Tinha já colocado alguma palavras no papel para falar neste caso de abandono, de desinteresse e de cobardia governamental, todavia, pensei levar à estampa o texto do Observador por o achar extraordinariamente bem feito, bastante esclarecedor e, como é costume dizer-se, sem papas na língua.*

*Tinha preparado algumas palavras chamando a atenção do leitor, todavia, creio ser muito melhor o texto já publicado, por ser muito mais claro e em bom Português, nesse Português que muitas vezes nos escapa apesar de todos os cuidados e preocupações. É certo que passam 50 anos a tentar falar outra língua. Não é desculpa, apenas uma explicação.*

Começava por dizer assim:

Recebi há dias uma opinião notícia que me deixou perplexo. Segundo o seu autor, a Espanha bloqueia o nosso desenvolvimento industrial e agrícola, ao não permitir o avanço da linha férrea europeia tal como definido pela União. Ora o que parece acontecer — e os nossos jornais ou TV — não dão qualquer seguimento, é que a nossa vizinha do Este e Norte nada fez e nada faz para concretizar a ligação do seu transporte ferroviário com as nossas linhas destinadas à Europa, procurando imputar a responsabilidade no Governo Português que de nada refila e o pior ainda será a imobilidade do Presidente da República...

Ou seja, a Espanha dos nossos irmãos (diz bem a linguagem popular de que (poderemos escolher os amigos mas não os familiares..) estarão não só a prejudicar a saída das nossas exportações como e também a tratar-nos como colonizados. Por ser ela que determina se tal ou tal tronco da nossa indústria pode ou não ser expedido para o seu destino...

Refiro-me assim aos “amigos de Peniche” relembrando que não há um século, foi nos princípios dos anos 40 em que Salazar e Franco assinaram um pacto de não agressão nem de intromissão na guerra de 39-45 com o sinistro Hitler, que o Generalíssimo espanhol avisou o seu Estado Maior, de ter um plano de invasão de Portugal e que o mencionava tornar operacional.

Isto, quando as assinaturas do Pacto de Paz ainda estavam frescas. O curioso desta histórica descoberta há pouco tempo dada ao público e cujos planos se encontram presentemente na Torre do Tombo (Instituto dos Arquivos nacionais — a Torre é uma unidade orgânica central da Direcção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas formando o Arquivo Central do Estado Português), tendo daí saído a notícia logo expandida por todo o interessado.

Este o “bijou” do Observador:

# O caminho de ferro e-a-cimeira-ibérica

*Observador*

O Governo tem afirmado frequentemente que o nosso atraso no cumprimento das directivas de Bruxelas para a interoperabilidade da via férrea em toda a União Europeia, se deve aos espanhóis não estarem a fazer nada para chegar com ao seu caminho de ferro à fronteira portuguesa. A ser verdade, trata-se de uma questão da maior gravidade porque nos faz supor que a Espanha, que é o nosso maior concorrente nos mercados europeus, estaria a dificultar o futuro das exportações portuguesas para a Europa, que constituem cerca de três quartos do total.

Entretanto, acaba de ter lugar uma cimeira ibérica, que seria a oportunidade e o lugar certo para esclarecer esta questão, o que não foi feito, pelo menos não no sentido de Portugal poder optar pela bitola UIC (europeia) e de haver um calendário para as ligações ibéricas de forma as empresas nacionais poderem planejar as condições futuras das suas exportações e não serem prejudicadas á medida que o transporte rodoviário, condenado pelas opções ambientais da União Europeia, se tornar mais caro, onerando os nossos produtos em relação à concorrência espanhola. Sem esquecer que Portugal tem um acordo assinado com a Espanha pelo Governo de Durão Barroso a 07 de Novembro de 2003 na Figueira da Foz, acordo que o Governo silencia.

Como nada foi clarificado sobre este assunto, torna-se incompreensível o que está a acontecer, a serem verdadeiras as afirmações do ministro Pedro Nuno Santos. Porque das duas uma, ou o Governo mente sobre as intenções da Espanha, ou mostra uma inaceitável cobardia em relação a um sério diferendo com o país vizinho que compromete, e de que forma, o futuro da economia portuguesa. Diferindo que nem sequer foi colocado na União Europeia, sabendo-se que se trata de uma directiva de Bruxelas que tem de ser cumprida, com os correspondentes apoios financeiros, até 2030. Neste contexto espera-se uma posição urgente do Presidente da República, na medida que se trata de uma questão que pode configurar da parte do Governo um acto de traição aos mais óbvios interesses nacionais. Está em causa a possibilidade da Espanha poder controlar a seu favor as exportações portuguesas, exportações cada vez mais necessárias para permitir o crescimento da nossa economia estagnada há mais de vinte anos, além de limitar o investimento estrangeiro. Repito, não fazer nada nestas circunstâncias configura um acto de traição.

Por outro lado, se o Governo está a mentir e se a manutenção da bitola ibérica é apenas um truque para evitar a concorrência internacional e manter a CP e a empresa Medway (mercadorias) como monopólios — intenção expressa recentemente pelo ministro PNS durante a discussão do O.E. — então o Governo está a mentir descaradamente aos portugueses com o objectivo de seguir uma política monopolista, suicidária no contexto de uma União Europeia que defende e pratica o mercado livre. Seria o Governo do PS a assumir o programa político do PCP.

Trata-se portanto de uma segunda razão para a necessidade imediata de uma intervenção do Presidente da República. Não vejo como isso pode ser evitado da parte de Marcelo Rebelo de Sousa, o qual intervém diariamente sobre os mais variados assuntos. Igualmente relevante será a posição dos cidadãos portugueses e, em particular, dos meios de comunicação, sobre este caso. Será que já passámos à fase de aceitarmos a mentira como a política do Estado, ou aceitarmos que seja a Espanha a mandar em Portugal? Em qualquer dos casos a gravidade é óbvia.

## J Y M ARCHITECTURE

Services & Plans D'Architecture  
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.  
Technologue en Architecture  
Cel. 514.972-9985 • [@info@jymarchitecture.com](mailto:@info@jymarchitecture.com) • [www.jymarchitecture.com](http://www.jymarchitecture.com)



ORDRE DES  
TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS  
DU QUÉBEC

## Primeiro de Dezembro de 1640

O golpe palaciano de 1 de Dezembro de 1640 foi o resultado de uma conspiração de nobres e letrados que se vinha preparando havia muito tempo.

O movimento libertador do domínio espanhol acabou por realizar-se um pouco precipitadamente por imposição das circunstâncias, visto que o duque de Bragança tinha sido chamado a Madrid e com a sua partida ficaria a faltar um chefe capaz de assumir as responsabilidades do golpe.

De facto, reuniões de fidalgos realizavam-se já no palácio de D. Antão de Almada, ao Rossio, assistindo a elas o Dr. João Pinto Ribeiro, um dos cérebros da revolta, que tratava dos negócios do duque de Bragança em Lisboa, mantendo a ligação entre este e os conspiradores.

Assim, na manhã de 1 de Dezembro, inúmeros fidalgos introduziram-se no Paço Real, ocultando as armas sob as roupas, e, por volta das nove horas, a um sinal de D. Miguel de Almeida, assaltaram subitamente o palácio, derrubando tudo quanto se lhes tentou opor.

Rebuscaram a sala do secretário Miguel de Vasconcelos e, encontrando-o escondido num grande armário de madeira, assassinaram-no sem qualquer troca de palavras. Tendo atirado o corpo pela janela para a praça, lançaram depois sobre ele algumas peças de prata, salvas, castiçais, doces e queijos, para atrair a massa popular, que olhava de longe, desconfiada.

Imediatamente, inúmeros mendigos se lançaram sobre ele e, estimulados pela gulodice, entraram no palácio, saqueando-o totalmente.

Entre o início do assalto e a proclamação do novo rei, D. João IV, que se encontrava no Palácio de Vila Viçosa, mediou apenas um quarto de hora, durante o qual se deu a queda de todo um regime e se restaurou a independência nacional.

O grupo de nobres e letrados que deu origem ao golpe sabia poder contar com a adesão popular. Todavia, não recorreram ao povo para a realização dos seus intentos.

Assim, logo após o golpe, foi designado um governo provisório incumbido dos assuntos mais urgentes até que D. João IV chegasse a Lisboa.

Para esse governo foram escolhidos os arcebispos de Lisboa e Braga, bem como o inquisidor-geral D. Francisco de Castro, que, tendo-se recusado a aceitar o cargo, foi substituído pelo visconde D. Lourenço de Lima.

De toda a parte, chegavam notícias de que a revolução tinha obtido um êxito completo e fulminante.

No entanto, D. João IV teria ainda de enfrentar diversos problemas de maneira a confirmar o movimento restaurador: por um lado, obter o reconhecimento da independência de Portugal e, com ele, o da sua realeza; por outro, conseguir alianças suficientemente fortes para oferecerem uma garantia efectiva contra as ameaças de Espanha, que se esperavam logo que este país conseguisse libertar-se das lutas que travava na Europa e da insurreição catalã.

Apesar disso, a abundante literatura político-jurídica entretanto surgida encarregou-se de demonstrar a legitimidade da Restauração, a fim de obter o reconhecimento pelas outras potências e fortalecer a nova autoridade em Portugal.

### Um traidor atirado pela janela

Quatro dezenas de espadachins conseguiram, em menos de uma hora, que Portugal voltasse a ser um país independente da Espanha. Por isso o 1.º de Dezembro é feriado nacional



onde se reuniam. Tinham o apoio do duque de Bragança, D. João, a quem queriam oferecer o trono depois de terem expulsado dele o rei espanhol.

Só que o duque não estava disposto a trocar a tranquilidade da sua propriedade de Vila Viçosa, onde caçava e ouvia música, pelos perigos de uma aventura que podia correr mal. Mas acabou por aceitar quando a mulher, D. Luísa de Gusmão (que até era espanhola), lhe disse que sempre seria melhor ser «rainha por um dia do que duquesa toda a vida».

### Como chegaram os espanhóis



MIGUEL de VASCONCELOS

Mas como vieram os espanhóis mandar em Portugal? Tudo tinha começado em 1578, quando o nosso rei D. Sebastião desapareceu na batalha de Alcácer Quibir, em Marrocos, sem ter deixado filhos, ou seja, herdeiros da coroa. O tio-avô dele, D. Henrique, que era cardeal (uma espécie de padre muito importante), ainda foi rei durante dois anos, antes de morrer, mas isso não resolveu o problema.

Os portugueses das classes populares receberam mal a notícia de que vinha aí um rei espanhol, e teriam preferido ver no trono D. António, também neto de D. Manuel I mas não por via legal (a mãe dele não era nobre, nem mulher do pai). Este ainda reuniu um pequeno exército para travar a invasão espanhola que se anunciava, mas foi derrotado às portas de Lisboa.

Depois de alguns anos de ligação à Espanha marcados por um certo progresso, as coisas pioraram. **Portugal ia mesmo tornar-se uma província espanhola.** Ora, isso não agradava a ninguém: os camponeses e artesãos pagavam pesados impostos, os comerciantes empobreciam com a perda das colónias e com os ataques aos navios pelas esquadras inglesas e holandesas inimigas da Espanha, os nobres viviam afastados da corte de Madrid e eram obrigados a combaterem nas guerras do império espanhol.

E foi assim que, na tal manhã de 1 de Dezembro, os 40 conspiradores se dirigiram ao palácio do governo, no Terreiro do Paço. Ali, prenderam a duquesa de Mântua, que governava Portugal em nome do rei espanhol.

Depois procuraram o secretário de estado Miguel de Vasconcelos, um português considerado traidor, que se tinha escondido dentro de um armário. Atiraram-no pela janela e, aplaudidos pela multidão que se juntara na praça, proclamaram D. João de Bragança rei de Portugal, com o nome de D. João IV.

### Vinte e oito anos de guerra

Mas o pior estava para vir. É que os espanhóis não se resignavam a perder uma importante parte do seu território, que ainda por cima incluía a grande cidade portuária de Lisboa. Iria seguir-se uma guerra de 28 anos.

Por sorte, o império espanhol estava envolvido em guerras por toda a parte. Primeiro tinha sido a revolta da Catalunha. Depois, a revolta da Andaluzia. Depois, ainda, o envolvimento na Guerra dos Trinta Anos.

A Espanha não tinha tempo para respirar. Portugal teve também a sorte de contar com um bom primeiro-ministro, o conde de Castelo Melhor. Obtida

# O Palácio da Independência

## Interior e exterior

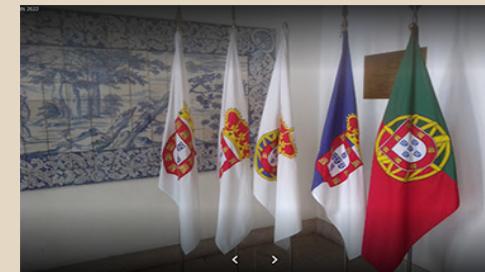


a colaboração da França e da Inglaterra, pôde-se organizar com calma um bom exército.

E assim, após uma trégua de quase vinte anos em que a Espanha esteve ocupada noutros combates, começou a Guerra da Restauração. As vitórias portuguesas sobre os espanhóis foram surgindo com naturalidade. Ao mesmo tempo, os invasores holandeses eram expulsos das colónias portuguesas que tinham ocupado aproveitando o facto de o nosso país estar ligado à sua inimiga Espanha.

Por fim, em 13 de Fevereiro de 1668, a Espanha reconheceu a independência de Portugal. Se és de Lisboa, deves saber que uma das mais importantes praças da capital se chama «dos Restauradores».

Este nome é uma homenagem aos 40 conspiradores de 1 de Dezembro de 1640. O dia 1 de Dezembro é um dos mais importantes feriados nacionais.



# L'Arnaque à l'Energie Verte

*Les bénéfices «verts» sont corrélés à la réduction des libertés*  
par J.B. Shurk

Traduction du texte original: *The Green Energy Profiteering Scam*



*Les véhicules électriques sont-ils aussi puissants que leurs homologues à moteur thermique ? L'éolien et le solaire peuvent-ils vraiment fournir aux nations une énergie électrique fiable et sans coupures de courant ? Les plastiques, le mazout et la plupart des matériaux synthétiques qui équipent une maison peuvent-ils être fabriqués comme par magie sans pétrole ? Photo : une voiture électrique à une borne de recharge à Berlin, en Allemagne. (Photo de Carsten Koall/Getty Images)*

Sur les marchés libres, les marchandises achetées et vendues possèdent une valeur perçue. Lorsqu'un acheteur et un vendeur fixent ensemble le prix d'un produit, il se produit une «*communion des esprits*». La valeur d'une matière première naturelle est proportionnelle à sa rareté. Plus elle est abondante et facile d'accès, moins elle a de valeur. Un marchand de cailloux ne peut pas gagner sa vie tant son produit est abondamment et librement réparti sur le sol. En revanche, l'or ou de l'argent, les diamants ou les rubis, «roches» difficiles à trouver, valent une petite fortune.

Il existe cependant, deux manières de transformer des cailloux en or ! Un vendeur peu scrupuleux peut les peindre en doré, prétendre que ces banals cailloux sont rares, et tromper un client sans méfiance. Par la fraude, le vendeur peut détourner la valeur perçue d'une marchandise et saper la «*communion des esprits*» entre lui-même et le client trompé. Ses pierres n'avaient rien de «*précieux*», mais elles lui ont procuré un profit mal acquis. Toutefois, au fil du temps, ce type de fraude ne dure pas. Des clients plus exigeants comprennent la ruse, et l'information atteint l'oreille de tous les acheteurs potentiels. Le vendeur peu scrupuleux aura intérêt alors à aller gruger les résidents d'une autre ville car, les personnes déjà filoutées auront à cœur de mettre fin à son gagne-pain, voire pire encore. Frauder fait encourir de graves risques personnels.

Une autre technique de valorisation des cailloux, beaucoup plus sûre, existe. Le vendeur peut aller trouver le roi et lui demander un droit exclusif de stockage et de commercialisation des cailloux. Si par extraordinaire, une telle licence lui était accordée – à savoir que de banals cailloux ne pourraient être possédés que s'ils portent la marque du vendeur - alors une ressource naturelle abondante deviendrait rare du jour au lendemain. Un bien gratuit deviendrait un bien réglementé et son prix serait fixé par le vendeur et la chancellerie du royaume. Certes, certaines personnalités jouissant d'un statut spécial ou d'une proximité officielle avec le roi, profiteraient toujours de cailloux à prix zéro. Mais pour tous les autres, une mécanique classique de l'offre et de la demande serait imposée. Même si le prix officiel d'un caillou restait bas, sa valeur sur les marchés secondaires sera entièrement déterminée par la rareté des pierres estampillées par les vendeurs.

Quelle peut être la valeur de minéraux que l'on est obligé d'acheter sous licence ? Lorsqu'un roi et un vendeur conspirent pour ne mettre sur le marché qu'une petite fraction des roches disponibles, leur «*indisponibilité*»

artificielle les rend extrêmement précieuses. Cette rareté légalement organisée génère peu de risques personnels. Le monopole sur les produits à forte demande se transforme en autorisation pour imprimer de l'argent.

A ce stade du raisonnement, il est facile de comprendre pourquoi tant d'investisseurs aiment l'intervention gouvernementale sur les marchés de l'énergie.

Les gouvernements ont le pouvoir de créer une valeur artificielle en votant des lois qui bloquent l'accès au marché de toute personne qui ne financerait pas d'abord un privilège. L'un de ces schémas consiste à cibler une matière première essentielle à toute production industrielle et commerciale - l'énergie - et à la réglementer de bout en bout. Lorsque des sources abondantes d'hydrocarbures sont fortement réglementées, les actifs à base d'hydrocarbures approuvés par le gouvernement prennent de la valeur. Lorsque les gouvernements limitent le forage et l'extraction des hydrocarbures, ils fabriquent de la rareté. Lorsque les gouvernements limitent l'utilisation du pétrole, du charbon et du gaz naturel, la large utilité industrielle de ces énergies leur assure une demande de plus en plus élevée. Lorsque les entreprises sont contraintes de limiter leur «*empreinte carbone*» ou d'acheter des «*crédits carbone*» (des cailloux ordinaires) auprès de fournisseurs «*verts*» agréés, les copains du gouvernement engrangent des bénéfices (et le trésor public aussi).

Certains particuliers et entreprises fortunés peuvent continuer de prospérer en dépit d'un prix artificiellement élevé des hydrocarbures, mais les jeunes pousses et les petites entreprises seront éjectés du marché. Ceux qui sont postés au sommet de la pyramide des richesses pourront y demeurer parce que les ressources énergétiques bon marché qu'ils ont utilisé pour amasser des fortunes sont désormais refusées à leurs compétiteurs.

Une guerre contre les «*combustibles fossiles*» est une superbe tactique pour protéger une part de marché. Cette cause idéologique profite également aux recettes publiques, ainsi qu'aux finances des «*associations à but non lucratif*» spécialisées dans la défense de l'environnement et autres intérêts spéciaux qui se nourrissent aux auges du gouvernement en échange de la promotion du jeu «*vert*».

Les voitures électriques sont-elles aussi puissantes que leurs homologues à moteur thermique ? L'éolien et le solaire peuvent-ils vraiment fournir aux nations des réseaux électriques fiables et sans coupures de courant ? Les plastiques, le mazout et la plupart des matériaux synthétiques qui équipent une maison peuvent-ils être fabriqués comme par magie sans pétrole ?

La population mondiale pourra-t-elle éviter la famine et les privations si les agriculteurs sont contraints de revoir leurs méthodes de production végétale et animale afin de se conformer à des lois «*vertes*» qui limitent l'utilisation ou la libération de dioxyde de carbone, de méthane, d'azote et de phosphate – toutes molécules et composés essentiels à l'agriculture de base et aux engrains à haut rendement ?

Les auteurs de ces initiatives «*vertes*» finiront par ressembler trait pour trait à ces escrocs qui peignent des cailloux en doré – ou en vert brillant – et les vendent en les faisant passer pour des minéraux très rares.

N'est-ce pas là le rôle des normes qui composent la Responsabilité Sociale et Environnementale (RSE) imposées aux marchés ? La RSE n'est-elle pas un effort concerté pour plier les marchés commerciaux à des objectifs extrêmement politiques ? Ne s'agit-il pas de récompenser des entreprises et des investissements qui se plient à des croyances idéologiques au détriment de celles qui cherchent surtout à générer des bénéfices ?

Lorsque les conseils d'administration et les investisseurs survalorisent certaines actions et certains actifs, simplement parce qu'ils sont peints en «*vert*» brillant, alors ils faussent le fonctionnement des marchés libres. La surévaluation par la RSE transforme des fantasmes erronés mais «*politiquement corrects*» en or. Les marchés qui tendent vers une «*rencontre des esprits*» objective et transparente subissent un détournement idéologique. Il y a une fraude tacite mais indubitable.

Même des adversaires aussi irréductibles que la Russie et les États-Unis, se sont mis d'accord pour limiter l'usage des hydrocarbures et «passer au vert». Jusque-là, l'idée que quelqu'un puisse tirer profit du vent ou du soleil aurait semblé aussi absurde qu'un commerce de cailloux librement disponibles. D'un autre côté, faire fortune avec de l'eau en bouteille aussi semblait absurde.

L'environnementalisme imposé par le gouvernement a créé une classe de milliardaires «verts». Partout et chaque fois que les gouvernements ont exigé que les citoyens achètent certains biens ou subissent les conséquences juridiques de leurs choix, les producteurs de ces biens ont connu des réussites scandaleuses.

Qui ignorait auparavant l'existence de ce minable capitalisme de connivence a sans doute compris une chose ou deux en voyant comment les commandes mondiales de vaccins ont accru les bénéfices de l'industrie pharmaceutique, tandis que les clauses d'indemnisation accordées par le gouvernement exonéraient ces mêmes fabricants de vaccins de toute indemnisation des patients victimes d'effets secondaires imprévus

Quand les gouvernements subventionnent des secteurs industriels entiers, forcent le consommateur à acheter les produits de ces industries et protègent ces industries des conséquences juridiques des dommages causés par leurs produits, font affluer l'argent dans les poches des actionnaires.

Lorsque les rois ordonnent de remplacer les moteurs à essence par des batteries au lithium, les fabricants de véhicules électriques sont en position d'imprimer de l'argent. Tout comme un fournisseur de cailloux qui se place sous protection royale. Ceux qui ont pris le train «vert» en marche et ont investi tôt dans des technologies qui sont présentées comme allant remplacer inéluctablement les machines traditionnelles fonctionnant aux hydrocarbures, ont engrangé d'immenses fortunes. La principale force motrice de la révolution «verte» n'a pas été une préoccupation environnementale mais cette bonne vieille cupidité.

La mutation « verte » s'est donc avérée très lucrative, mais ce gain peut-il durer ? C'est là où la réglementation des hydrocarbures et les contraintes liées au crédit carbone confinent au magique. Si les fournisseurs «verts» préférés du gouvernement exigent de s'enrichir davantage, il suffit aux politiciens d'augmenter la douleur énergétique des autres. Moins les entreprises et les citoyens seront « autorisés » à consommer des énergies fossiles, plus ils seront prêts à payer pour obtenir des « crédits ». Par le biais de mandats d'auto-gestion, les gouvernements créent des actifs «verts» qui s'apprécient artificiellement. Le ciel est la limite !

A terme, n'aboutit-on pas à la confiscation totale de la richesse et des fruits du travail de chacun ? Si les gens ordinaires ne peuvent pas renoncer à leur consommation d'hydrocarbures aussi facilement que les agents de l'État l'exigent, alors ils devront alors se passer d'automobiles, de technologies modernes, de confort ordinaire, de climatisation et même de chauffage.

Aucun coût personnel, n'est semble-t-il trop élevé pour répondre aux exigences du Nouvel Ordre Mondial Vert (et faire en sorte que les producteurs de «vert» et leurs amis du gouvernement fassent affaire ensemble). Les profits «verts» ne peuvent augmenter que si les libertés sont revues à la baisse.

Tout ceci ne colle-t-il pas remarquablement à une autre philosophie politique fondée sur l'abolition de la propriété privée ? Qu'est-ce que ce vieil adage un peu apocryphe attribué à Vladimir Lénine ? « *Les capitalistes nous vendront la corde avec laquelle nous les pendrons* ». Aujourd'hui, les capitalistes «verts» s'enrichissent en raréfiant la nourriture et le carburant, applaudis par les pères-la-vertu «verts» qui se congratulent de cette suppression de la concurrence, tandis que les citoyens occidentaux de plus en plus appauvris plongent dans le dénuement.

Une chose est sûre : quelle que soit la « sagesse » politiquement correcte qui prévaut en Occident et la « folie des foules » écologistes, si la base d'hydrocarbures de l'économie mondiale devait être échangée contre des cailloux «verts» sans valeur, ni les capitalistes riches ni les citoyens pauvres ne survivraient très longtemps.



## Bolsas Alumni Solidário | 2022

Share [Bolsas Alumni Solidário | 2022](#)

Nos termos do Regulamento de Bolsas Solidárias a Associação dos Antigos Alunos – ULisboa Alumni abre concurso para financiamento de duas bolsas de Estudo por mérito. (responder unicamente por e-mail). **1-866-842-2112**

**O concurso esteve aberto entre 24 de Outubro e 25 de Novembro de 2022.**

## EM MONTRÉAL

**Maison Symphonique 1-866-842.2112**

Em Montréal do 26 ao 31 de Dezembro, na Maison Symphonique (Metro e endereço e-mail Place des Arts.com) o nosso internacionalmente consagrado **Alexandre da Costa**, dirigirá a **Orquestra Sinfônica de Longueuil de que é Director e Les Petits Chanteurs du Mont Royal**, aompanhado por 125 coristas  
- Vladimir Korneey - Giorgia Fumanti.

No programa constam ainda:

**Guylaine Tanguay, Roch Voisine** e naturelment,

**Alexandre da Costa**



**MAISON SYMPHONIQUE**

**26 AU 31 DÉCEMBRE**

**Alexandre da Costa  
Guylaine Tanguay  
Roch Voisine**

# Os “casos” da democracia

Por Adriano Miranda Lima

Nos meus escritos, sempre evitei verter neste jornal diferendos político-partidários, porque é espaço onde, a meu ver, só se justificará, e com toda a legitimidade, dar cabimento à opinião livre dos representantes concelhos das forças políticas, mormente quando estão em causa os problemas da governação local. E se o fazem, como amiúde acontece, é expressamente em nome dos seus cargos partidários, para isso devidamente identificados. Caso diferente é no tocante a opiniões ou reflexões genéricas de natureza ideológica, epistemológica ou casuística sobre as incidências ou as vicissitudes deste regime democrático em que vivemos, respiramos liberdade e sonhamos com o futuro. Essas, sim, cabem aqui como sempre couberam no historial deste jornal.

Incomodados com a violência ou o excesso verbal de alguns actores políticos, e com as diatribes insanas com que inquinam a cena política, não raro ansiamos pela frescura primaveril dos primeiros tempos da construção e consolidação da nossa democracia. Foram tempos de aprendizagem e de fecunda pedagogia, em que contámos com a participação entusiástica do melhor que a cidadania oferecia, regra geral com a disponibilidade voluntariosa de homens e mulheres com provas dadas nas ciências, na administração e nas artes e que entravam para a política para a valorizar e não para dela se servirem ou construir carreira profissional.

Sem estarem goradas as expectativas favoráveis em relação aos ciclos de renovação natural dos aparelhos políticos, necessariamente e inevitavelmente com o contributo da juventude, sobretudo das organizações partidárias, o problema é que alguns sinais não são muito promissores em matéria de virtudes cívicas fortalecidas ou amadurecidas e de garantias seguras para o recrutamento do melhor que a nação pode oferecer para a governação pública.

É certo que se impõe o devido escrutínio aos actos da governação. Porém, a percepção que cada vez mais se instala é que quem acede a um cargo político é, logo à partida, alvo de desconfiança como se portador de um cadastro e lhe coubesse provar o contrário. Isto vem a propósito do que recentemente sucedeu com alguns membros do actual governo, por alegadas incompatibilidades ou impedimentos só por possuírem um familiar ou parente, às vezes por simples afinidade, com actividade privada que possa ter relacionamento com o Estado.

Se é admissível a suspeição sobre um titular de cargo público que comprovadamente beneficie outrem à margem da lei, contudo, haverá que separar o trigo do joio e ponderar se não se está a cair em exagero, tão ao gosto de alguns órgãos de comunicação que, à falta de matéria noticiosa de interesse, exploram ad nauseam o que pode não passar de mera especulação ou presunção de culpabilidade. E é quanto basta para alimentar títulos sonantes como “casos do governo”, que, constantemente martelados, não deixam de induzir na opinião pública uma ideia prejudicial à imagem de quem governa o país. Esta como outras buscas de “casos” artificialmente empolados podem ser estratégias indirectas para fins pouco claros. Mas não creio que a oposição política possa ser a parte mais activa da orquestração, a não ser como parceira de jogos de sombra com o intuito de colher dividendos a prazo. É que os papéis se invertem com a alternação política e o feitiço pode virar-se contra o feiticeiro.

O problema é que qualquer dia será difícil trazer para a governação cidadãos de mérito e com experiência adquirida em carreiras construídas com o próprio esforço. Disponíveis restarão sempre os jovens filiados nas estruturas partidárias, sem experiência de vida ou de qualquer profissão que não seja a adquirida na militância partidária ou em alguma passagem transitória e frustrada pela advocacia ou outro ofício. São normalmente quadros partidários que se treinam no domínio da retórica, do histrionismo e da teatralidade verbal, e para quem a demagogia barata e abstrusa é o instrumento usual para os seus propósitos de carreirismo.

As evidências são bastantes. Basta olhar para cartazes de propaganda partidária por aí afixados que são de um basísmo que a própria demagogia coraria de vergonha se tivesse rosto. De conteúdo pouco imaginativo, primando por slogans estafados e sem nenhum impacto no eleitorado, só servem para poluir o espaço público, pelo que bem fez o actual presidente

da câmara municipal de Lisboa em mandar retirar os que conspurcavam o recinto da estátua do Marquês de Pombal. Atente-se nos debates políticos ou entre comentadores televisivos que nada esclarecem a opinião pública porque os seus participantes estão mais preocupados com o seu ego do que com a convergência em torno do interesse colectivo ou dos grandes projectos estruturantes do progresso do país. Veja-se o adiamento sucessivo a que foi votada a decisão sobre o novo aeroporto de Lisboa e o TGV. Daí que, numa altura em que se assiste pelo mundo fora à emergência de forças políticas que denegam as virtudes da democracia liberal, contrapondo-lhe soluções autocráticas, limitadoras ou castradoras das liberdades cívicas, podesse questionar se inadvertidamente não seremos também demolidores inconscientes das virtudes da nossa democracia, na medida em que desalojemos aos poucos os tijolos do edifício que a estruturaram. Há várias formas de o fazer, e as mais perigosas são as dissimuladas ou que tomem de empréstimo o veículo de certas servidões. Nisto a comunicação social tem responsabilidades que são intransferíveis.

Pensamos que há razões para quem de direito não ter receio de chamar os bois pelos nomes, ou de tirar a máscara a certos títeres. Com alguma estranheza, vimos assistindo ao que parece ser uma exorbitância do poder judicial. É muito estranho que tenha entrado na práxis normal as escutas telefónicas sistemáticas do poder judicial a titulares do poder público. Banalizou-se tanto esse processo de busca de culpabilidades, às vezes por simples denúncia anónima, que isso poderá ser outro contribuidor do afastamento da vida pública dos melhores cidadãos, porque ninguém deseja ver devassada a sua vida. Inaugurámos a democracia constitucional sob o auspício irrevogável da separação de poderes entre os órgãos de soberania. Porém, há vozes que vêm clamando por uma reforma urgente da Justiça, pela notoriedade de fenómenos que podem pôr em causa a linearidade daquele princípio. Porque enquanto os governos são eleitos pelo povo e sujeitos a um constante escrutínio, o mesmo não sucede com os titulares do poder judicial, e o resultado tem sido a percepção de não haver nem total transparência nem intocável lisura nos procedimentos de alguns dos seus titulares. A democracia jamais pode converter-se numa “democracia dos juízes”, porque isso seria uma perversidade institucional, tanto mais que nem os seus titulares são ungidos por um poder sacrossanto nem os detentores do poder político estão à partida maculados pelo ónus da suspeição. A bem da saúde da democracia, será caso para dar espaço de actualidade a Montesquieu, que no seu clássico “O Espírito das Leis” adverte sobre a essencialidade do princípio da separação dos poderes: “Tudo estaria perdido se uma só pessoa, ou um só corpo de notáveis, de nobres ou do povo, exercesse estes três poderes: o de fazer as leis, o de executar as decisões públicas e o de punir os delitos ou contendidas entre os particulares...”

Por conseguinte, a saúde e o prestígio da nossa democracia requerem um contributo alargado e participado dos titulares dos órgãos de soberania mas também dos cidadãos em geral. Da classe política espera-se que empreenda uma criteriosa reforma da Justiça, imperativo nacional que só a ela compete em sede própria - o Parlamento. Caso contrário, em vez de “casos do governo” poderemos vir a falar de “casos da democracia”. O que só acontecerá se não nos libertarmos da autoridade tirânica de tendências e hábitos viciosos que se vão enraizando, arriscando comprometer os alicerces do sistema que julgamos seguro e inabalável.

Mesmo a chegar ao fim deste texto, chegou-nos a notícia do falecimento do grande cidadão e notável homem da ciéncia que foi o Professor Adriano Moreira. E vieram-me à lembrança, a propósito das considerações acabadas de produzir, estas suas sábias palavras: os princípios são de longo prazo e as circunstâncias são de curto prazo.



# 10 milhões de portugueses 4,5 milhões de pobres

Por Raquel Abecasis

Os tempos duros de austeridade que vivemos no tempo da Troika deixaram o país pronto para retomar um caminho mais auspicioso, com capacidade de crescimento. A oportunidade foi desperdiçada.

O país político e mediático tem-se entretido nos últimos dias a discutir as declarações infelizes do Presidente da República, as incompatibilidades no Governo, se o que lá vem é austeridade ou crescimento moderado e, nas últimas horas, se Passos Coelho vai ou não candidatar-se a Presidente daqui a 4 anos.

Enquanto isso, num país que por acaso é o nosso, a frieza dos números diz tudo. À porta de um ano ainda mais difícil do que os anteriores, a realidade dos portugueses é trágica.

Em 2020, quatro milhões e meio de portugueses tinham rendimentos abaixo dos 554 euros mensais, vivendo, portanto, em situação de pobreza. Portugal é agora o 13.º país mais pobre da União Europeia.

As ajudas do Estado fazem este número diminuir para um milhão e novecentos mil. Todos os outros precisam de subsídios para subirem do patamar de muito pobres para aquilo a que tecnicamente se chama limiar da pobreza.

Olhar para os dados publicados pela Pordata dá-nos um triste retrato da nossa realidade: a maior parte destas pessoas são famílias com filhos, Portugal é o segundo país da Europa com piores condições de habitação e, com a subida da inflação, prevê-se que tudo isto vá piorar.

À luz destes números, percebe-se o ridículo da discussão dos últimos dias e a irresponsabilidade de todos os que exercem funções políticas. Será que com quatro milhões e meio de pobres num país de dez milhões é possível ou aceitável que os responsáveis políticos tenham tempo a perder com politiquices ou comentários infelizes? Não será este o tema mais importante e urgente a ser abordado pelo Presidente da República nas inúmeras intervenções que faz ao longo de cada dia?

Face a estes números, não é dever do Chefe de Estado pedir contas ao Governo sobre o que tenciona fazer para alterar este estado de coisas?

Acho que estaria aqui um bom espaço de intervenção para Marcelo Rebelo de Sousa neste seu segundo mandato.

Os trágicos números divulgados pela Pordata obrigam-nos a um choque com a realidade. A discussão sobre se estamos ou não a regressar à austeridade é uma discussão ao lado. No país como na vida de cada um de nós, os sacrifícios podem justificar-se se são para alcançar objetivos que melhorem a nossa vida. A verdade é que os tempos duros de austeridade que vivemos no tempo da Troika deixaram o país pronto para retomar um caminho mais auspicioso, com capacidade de crescimento e de eliminar bloqueios que impedem o nosso desenvolvimento. A oportunidade, mostram-no estes números, foi desperdiçada.

Agora, vêm lá novos sacrifícios para todos, mas qual é o horizonte? Alguém vislumbra neste orçamento ou nos discursos do Governo algum objectivo dinamizador? O PS pôs na rua um novo cartaz com a mensagem: "Juntos seguimos e cumprimos". Seguimos para onde e cumprimos o quê?

Infelizmente, o que vemos, ano após ano, é que estamos a seguir para o abismo e que o Governo não faz a menor ideia de como vai contrariar esta situação. A alergia de António Costa à palavra reforma já tem como resultado o número estratosférico de quatro milhões e meio de pobres.



# Como as Pessoas Com Mais de 50 Anos Enxergam o Mundo

Editor: Bruno Á.

Dizem que com a idade vem a sabedoria. Se você tiver que perguntar a uma pessoa com mais de 50 anos sobre um problema específico, provavelmente receberá uma resposta diferente de alguém que seja uma ou duas décadas mais jovem. Esses indivíduos têm mais de cinco décadas de experiência e são capazes de ver as coisas com uma visão diferente do que as pessoas com 20 ou 30 e poucos anos a menos. Aqui estão 10 maneiras como as pessoas com mais de 50 anos veem o mundo.

1. Eles sabem o quanto importante é a sua saúde



Aos vinte anos de idade, ninguém fica muito preocupado quando troca vegetais frescos por um prato de batatas fritas. Mas qualquer pessoa com mais de 50 anos dirá que as decisões que tomamos sobre a nossa saúde quando somos jovens podem ter efeitos devastadores quando estamos mais velhos, e que uma vez que nossa saúde começa a diminuir, é muito difícil recuperá-la.

2. Eles entendem que economizar dinheiro é importante Quando você está ganhando os primeiros salários no estágio ou primeiro emprego, poupar parece praticamente impossível. Mas qualquer pessoa com mais de 50 anos dirá o quanto é importante começar a poupar quando você é jovem, mesmo que isso signifique economizar alguns trocados por semana.

3. Eles entendem a importância do equilíbrio entre vida pessoal e profissional



Enquanto nos seus 20 e 30 anos o mais importante era ser promovido e ter aumento salarial, qualquer pessoa com mais de 50 anos dirá o quanto é

importante ter mais tempo para as coisas que você ama, mesmo que você não tenha tanto dinheiro na conta.

#### 4. Eles sabem que nunca é tarde demais para encontrar o amor

Aos 30 anos, qualquer um que não tenha encontrado amor e felicidade, pode sentir que tudo está acabado para eles. No entanto, pessoas com mais de 50 anos, por terem visto pessoas de seu círculo de amigos encontrarem a pessoa certa em todas as fases da vida, entendem claramente que sempre é tempo para encontrar um parceiro ou felicidade.

#### 5. Eles sabem que o dinheiro torna a vida mais fácil, e não mais feliz



O dinheiro definitivamente torna as coisas mais fáceis, mas as pessoas com mais de 50 anos lhe dirão que, além de pagar as contas e desfrutar de alguns confortos extras, o dinheiro por si só não o fará feliz.

#### 6. Eles percebem que essas pequenas preocupações desaparecem

As preocupações que o acompanham até o início da idade adulta terminarão quando você tiver 40 anos. Com anos suficientes, descobrirá como cuidar de suas necessidades sem sacrificar as pequenas coisas.

#### 7. Eles sabem que tudo passa



Todos nós experimentamos momentos terríveis nos quais nos sentimos como se nunca mais pudéssemos recuperar a alegria e felicidade. Pode ser a morte de alguém muito querido ou a perda de um emprego. Mas pessoas com mais de 50 anos dirão a você que não importa o quanto ruim as coisas possam parecer naquele momento, é simplesmente um momento que vai passar.

8. Eles percebem que a sabedoria vem de lugares inesperados Qualquer pessoa com mais de 50 anos dirá que a maior sabedoria que você receberá na vida vem dos lugares mais inesperados, desde um amigo astuto até uma simples criança engraçada da família que tenha uma perspectiva única sobre as coisas.

#### 9. Eles sabem que o planeta não vai durar para sempre



Qualquer pessoa que tenha vivido mais de 50 anos sabe que o nosso planeta está-se deteriorando rapidamente e provavelmente viu muitas coisas piorarem durante a sua vida. Como resultado, eles sabem como ser menos dispendiosos e preservar melhor o ambiente.

#### 10. Eles sabem quanto dano os relacionamentos tóxicos podem causar

Embora possa parecer importante manter um relacionamento a qualquer custo quando você é jovem, as pessoas com mais de 50 anos sabem com que rapidez um relacionamento ruim te pode atrapalhar. Relacionamentos ruins podem vir na forma de um amigo que está sempre colocando você para baixo, ou um membro da família sem apoio, etc. E esses relacionamentos trazem mais prejuízos do que se pode imaginar.

9

**Sabias que nos últimos 50 anos acabamos com a metade das espécies animais que existiam?**



# Les Palestiniens Votent pour des Terroristes, Puis Accusent les Israéliens d'Etre des « Extrémistes »

par Bassam Tawil

*Traduction du texte original: Palestinians Vote For Terrorists, Then Claim Israelis Are ‘Extremists’*



Les Palestiniens qui se plaignent de la montée des partis de droite aux élections israéliennes, sont les mêmes que ceux qui ont porté au pouvoir le groupe terroriste Hamas. En 2006, une majorité de Palestiniens a voté pour le Hamas, dont la charte appelle ouvertement à l'élimination d'Israël. Photo : Ismail Haniyeh, un chef du groupe terroriste Hamas, vote lors des élections législatives de l'Autorité palestinienne, le 25 janvier 2006 dans la ville de Gaza. (Photo par Abid Katib/Getty Images)

Avant même que les chiffres définitifs des élections législatives israéliennes soient rendus publics, les dirigeants et responsables palestiniens ont exprimé leur profonde inquiétude et leur crainte que le résultat du vote n'aboutisse à une augmentation des tensions et de la violence entre les Palestiniens et Israël.

Le Premier ministre de l'Autorité palestinienne (AP), Mohammad Shtayyeh, a publiquement déclaré que les résultats des élections « confirmaient » l'inexistence d'un quelconque partenaire en Israël pour conclure la paix».

Ces Palestiniens qui se lamentent continuellement de la montée aux extrêmes en Israël, sont ceux-là même qui ont porté au pouvoir le groupe terroriste Hamas.

En 2006, une majorité de Palestiniens a voté pour le Hamas, dont la charte appelle ouvertement à l'élimination d'Israël. Depuis, le Hamas a mené d'innombrables attaques terroristes, tuant et blessant des milliers d'Israéliens. Les Palestiniens qui ont voté pour un groupe terroriste djihadiste n'ont guère de raisons de se plaindre du résultat d'une élection, quelle qu'elle soit, en Israël.

Après les élections israéliennes de 2021, le même Shtayyeh a encore dit que les résultats ne laissaient guère d'espoir pour la paix. A l'en croire, la domination de la droite ne laissait entrevoir aucune perspective de pourparlers. Shtayyeh a appelé la communauté internationale à « mettre un terme aux attaques israéliennes contre la terre, l'eau et la propriété palestiniennes ».

Ce n'était pas la première fois que les Palestiniens exprimaient leur mécontentement et leur inquiétude sur le résultat d'une élection israélienne, surtout quand les partis de droite obtiennent la majorité des voix et forment le gouvernement ou deviennent partie prenante de la coalition au pouvoir.

Les dirigeants et responsables palestiniens ont commenté les élections de

2022 comme ils ont commenté chaque élection en Israël.

En 2021, Tayseer Khaled, responsable de l'OLP, avait déclaré que les résultats des élections israéliennes révélaient une « fascisation » de l'électorat et un net penchant pour l'« extrémisme ». Après les élections du 1er novembre 2022, le même Khaled a appelé publiquement les Palestiniens à « affronter le fascisme israélien. » Il a ajouté que la montée des partis de droite lors des élections représentait un sérieux défi pour le présent et l'avenir des Palestiniens car cela pourrait même conduire à un « nettoyage ethnique ».

En 2020, le porte-parole du Hamas, Fawzi Barhoum, avait déclaré que les résultats électoraux israéliens n'empêchaient pas les Palestiniens de poursuivre la lutte contre Israël. Il a exhorté les Palestiniens à intensifier la « résistance » pour contrecarrer le plan de paix du président américain Donald J. Trump au Moyen-Orient, intitulé « De la paix à la prospérité : une vision pour améliorer la vie des peuples palestinien et israélien ».

A l'issue des élections israéliennes de 2019, le Hamas avait accusé tous les partis israéliens d'« inciter à l'agression contre la bande de Gaza et à la profanation de la mosquée Al-Aqsa ».

Après les élections israéliennes de 2015, un haut responsable du Hamas, Ahmed Bahr, avait affirmé que l'arrivée au pouvoir du Premier ministre israélien Benjamin Netanyahu était une « déclaration de guerre » aux Palestiniens. Musa Abu Marzouk, un autre haut responsable du Hamas, a tenu publiquement des propos similaires.

Y-a-t-il jamais eu une élection israélienne qui satisfasse pleinement les Palestiniens ? Pour les Palestiniens, tout gouvernement israélien qui ne cède pas à 100% de leurs demandes est mauvais et dangereux.

Quelles sont les revendications palestiniennes ?

Israël fait face à deux camps palestiniens qui ont chacun leurs exigences. Le premier, représenté par l'Autorité Palestinienne, réclame qu'Israël revienne aux « frontières » indéfendables d'avant 1967 et ouvre ses frontières à plus de cinq millions de « réfugiés » palestiniens au nom du soi-disant « droit au retour ». Une telle décision signifierait la fin d'Israël en tant que patrie du peuple juif, et un statut de minorité pour ce même peuple juif au sein d'un nouvel État arabe au Moyen-Orient.

Dans le contexte actuel, un retrait israélien sur les lignes d'avant 1967 aurait pour conséquence immédiate l'émergence d'un État terroriste arabe dirigé par le Hamas et financé et armé par les mollahs d'Iran.

Le deuxième camp, représenté par le Hamas, le Jihad islamique palestinien et plusieurs autres groupes armés, cherche à remplacer Israël par un État islamiste. Ce camp récuse le droit d'Israël à l'existence et, comme le premier camp, commet des attentats terroristes contre les Juifs depuis plusieurs décennies.

Les Palestiniens, qui n'ont pas organisé d'élections générales depuis 2006 en raison du conflit persistant entre le Hamas et le Fatah, agitent le spectre de la peur après chaque élection israélienne. Ils tentent ainsi d'intimider l'opinion publique israélienne pour l'inciter à se conformer à leurs demandes. Trois décennies durant, les Palestiniens ont aussi utilisé cette tactique pour effrayer la communauté internationale et l'inciter à faire pression sur Israël afin de le pousser à de dangereuses concessions territoriales.

L'affirmation palestinienne qu'il n'existe pas de partenaire pour la paix en Israël est totalement fausse. En fait, c'est le contraire qui est vrai.

Au cours des deux dernières décennies, toutes les offres de paix faites aux Palestiniens ont été rejetées. En 2000, au sommet de Camp David, le président de l'Autorité palestinienne de l'époque, Yasser Arafat, a rejeté l'offre de paix d'Ehud Barak, Premier ministre israélien. Parlant d'Arafat, Barak a déclaré :

*« Il n'a pas négocié de bonne foi ; en fait, il n'a pas du tout négocié. Il disait non à chaque proposition, et ne faisait jamais de contre-propositions. »*

Abbas, a reconnu avoir rejeté en 2008, un accord de paix proposé par le Premier ministre israélien de l'époque, Ehud Olmert, lequel avait proposé à Abbas la quasi-totalité de la Cisjordanie.

En 2020, les Palestiniens ont considéré que la proposition Trump de « deux

États » vivant en paix, côte à côté, une était une « *conspiration* ».

Les Palestiniens ont également dénoncé les accords d'Abraham qui ont normalisé les relations d'Israël avec quatre pays arabes – les Émirats arabes unis, Bahreïn, le Soudan et le Maroc – et les ont qualifiés de « coup de poignard dans le dos du peuple palestinien » et de « trahison » de Jérusalem et de la Mosquée Al-Aqsa.

La triste réalité est qu'il n'y a pas de partenaire pour la paix du côté palestinien.

Abbas, 87 ans, est si faible et peu disposé à prendre des initiatives qu'il ne peut être considéré en aucun cas comme un partenaire. Il craint à juste titre que son peuple le perçoive comme un traître et redoute surtout de finir assassiné, comme feu le président égyptien Anouar el Sadate. Les sondages montrent qu'Abbas est extrêmement impopulaire, et plus de 70% du public palestinien réclame sa démission.

Abbas est également conscient son peuple ne l'a pas mandaté pour faire la paix avec Israël. Ses rivaux du Hamas ne manquent jamais de faire savoir qu'ils demeurent catégoriquement opposés à tout accord de paix avec Israël.

Un paradoxe mérite d'être signalé : les Palestiniens affirment en permanence qu'aucune différence n'est perceptible entre la droite et la gauche en Israël. Mais curieusement, ils n'expriment leur inquiétude que lorsque les partis de droite remportent les élections.

La prochaine fois que les Palestiniens se tordront les mains au sujet des élections israéliennes, il serait bon que la communauté internationale leur rappelle que c'est le terrorisme palestinien qui détermine les résultats des urnes israéliennes.

Et aussi que ce sont les dirigeants palestiniens, et non ceux d'Israël, qui rejettent la paix.

Plutôt que de déplorer les résultats des élections israéliennes, les dirigeants palestiniens feraient mieux d'accorder à leur propre peuple ne serait-ce qu'une partie de ce que les Israéliens leur proposaient dans les accords d'Abraham : l'égalité de tous devant la loi, la liberté de parler et de publier sans crainte, la liberté de devenir prospère et la liberté de vivre des vies qui ont des opportunités en dehors de l'industrie artisanale du terrorisme - des vies libérées de la répression corrompue et sans fin de leurs dirigeants.

Bassam Tawil est un Arabe musulman basé au Moyen-Orient.



# LISBOA: NO ANTIGO CONVENTO QUE RESGATAVA CATIVOS DOS PIRATAS NASCEU A PRIMEIRA FÁBRICA DE CERVEJA

Por Jorge Andrade

Piratas mouros, terramoto e incêndios, extinção de ordens religiosas, um edifício que de convento passa a cervejaria; azulejaria e muita arte.

Quanto da nossa história cabe num cantinho da capital onde nos sentamos para degustar uns bifes e umas cervejas?

Com o historiador Anísio Franco percorremos séculos dentro da mesma casa, a Trindade.



Cervejaria Trindade na primeira metade do século XX.

Tem a história este encanto, a de se imiscuir em todos os recantos da nossa existência, mesmo aqueles que repetidamente frequentamos sem nos perguntarmos o quando, onde e o porquê.

É indiferente se encontramos essa mesma história num singelo bife, num pastel de bacalhau ou numa soberba catedral. O trunfo para tornar esta história numa boa jornada de memórias, está quase sempre em quem a narra, tornando apetitosos os episódios.

Isso mesmo, uma história de capítulos deliciosos é a que nos é servida à mesa de um histórico nas cervejarias da capital, a Trindade. A casa faz por estes dias 182 anos de vida, enquanto espaço de labor de cerveja, quer como fábrica, quer mais tarde como cervejaria. Contudo, sabendo como sabemos que tudo é um encadear de causas e consequências, não há como dissociar o edifício e a história da Trindade do contexto onde se insere.



*Religiosas”.*

*Sala Keil nos anos de 1940. Créditos: Cervejaria Trindade.*

Por isso mesmo marcamos encontro com Anísio Franco, historiador e conservador no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. É com este homem de discurso escorreito e gesto amplo que olhamos para a fachada do número 20C da Rua Nova da Trindade, para imaginarmos neste pedaço de capital, onde hoje abre portas a Cervejaria Trindade, uma outra geografia urbana, um outro mundo. O convite é para mergulharmos perto de 700 anos na nossa história.

Esqueçamos, pois, por momentos, o Bife à Trindade, regado com o molho da casa, a batata frita, o ovo e esparregado a acompanhar; o Bacalhau à Santo Ofício, as amêijoas à Bulhão Pato e a miríade de marisco que encontramos no menu. Anísio Franco vai servir-nos um outro elenco. Não faz parte da ementa, mas chega-nos em dose bem servida.



*Cervejaria Trindade: Uma apetitosa história com quase dois séculos.*

Situemo-nos nas palavras do

Historiador, autor, entre outros do livro “*Lisboa Desconhecida e Insólita*” (Porto Editora) e posicionemo-nos no século XIII. Limpemos do cenário o alcatrão, a calçada portuguesa, o bulício do trânsito e construamos o edificado da época.

*“A cervejaria ocupa parte daquilo que foi o Convento da Santíssima Trindade dos Frades Trinos da Redenção dos Cativos, datado de finais do século XIII e que mereceu, já no século XIV o impulso da Rainha Santa Isabel [Isabel de Aragão], mulher do rei D. Dinis”, refere Anísio Franco.*

Porquê Convento da Redenção dos Cativos, perguntamos. *“Porque tinha como missão resgatar os prisioneiros dos piratas do Norte de África. Identificavam onde aqueles estavam cativos e arranjavam meios para os resgatar”,* refere o nosso interlocutor.

Sabendo da conturbada história geológica da capital, não será difícil antever que em sete séculos de cronologia caibam alguns dissabores no que toca a construção, destruição, reconstrução de um edificado localizado numa “*colina complicada*” de Lisboa.

“Tenho dúvidas que a expressão ‘*Cai o Carmo e a Trindade*’, tenha nascido só depois do Terramoto de 1755.

Sabemos que a Capela Mor do Carmo cai pelo menos duas vezes antes dessa data.

À terceira reconstrução o rei ordena que se edifique com estrutura reforçada. *“De tal ordem que não vai cair com o abalo do século XVIII, assim como a*



*biblioteca e o refeitório”, onde actualmente se situa uma das salas principais da Cervejaria.*

*Actualmente ainda são visíveis alguns dos arcos dos antigos claustros em grande parte destruídos.*

*“A grande tragédia não foi o Terramoto de 1755” Já no século XIX “dá-se, então, aquela que para mim é, sim, a grande tragédia. Não o Terramoto ou as Invasões Francesas, mas sim a extinção, em 1834, das Ordens*

*“Isto no decurso da Guerra Civil Portuguesa [1828-1834] em que saem vitoriosos os Liberais. A Burguesia endinheirada quer o património edificado para si”.*

Neste particular Anísio Franco cita o escritor Almeida Garrett nas suas “Viagens da Minha Terra”: “*O Barão comeu o Frade*”.

É neste contexto histórico que se começa a escrever a história concreta da Trindade. Já não o Convento que foi durante séculos mas um edificado heteróclito, numa cidade diferente e numa sociedade também diferente. Anísio Franco chama-nos a atenção para a rua de média largura que atravessa todo este quarteirão onde antes de instalava o Convento. *“Esta é uma artéria que não existia. Aqui mesmo onde passam actualmente os automóveis era o edificado do Convento da Trindade. Por isso lhe chamamos Rua Nova da Trindade”.* Também as fachadas tal como as vemos actualmente são uma criação do século XIX.

“A fachada tal como a vemos actualmente é decorada com os restos dos azulejos do antigo edifício. Uma exibição de fartura e futilidade”, acrescenta o historiador, *“acaba por ser uma amalgama de azulejos. Nunca um azulejista do século XIX faria isso”.*

Na época um empreendedor industrial galego movimentava-se por Lisboa. Chamava-se Manoel Moreira Garcia e em 1836 acaba por adquirir parte das ruínas do antigo convento. Ai, vai instalar a sua fábrica de cervejas [a primeira em Portugal].



O negócio de Manoel Moreira prospera e acaba por abrir um balcão de cerveja a copo. Mais tarde uma cervejaria composta por quatro salas e um pátio. Em 1854 torna-se a Trindade fornecedora oficial da Casa Real.

*Sala Keil, onde sobressaem os painéis elaborados com calçada portuguesa. Uma história onde não faltam muitos azulejos*

Do exterior desta Trindade do século XXI, transitamos para o interior da cervejaria e “retomamos o fio à meada: “*Volvidos quase dez anos sobre a data em que recebeu a benesse real, em 1863, Manoel Moreira, encomenda uma nova decoração com revestimento de azulejo”.*

*“Quem os vai pintar é o ‘Ferreira das Tabuletas’ que fazia reclames, como ainda vemos nas fachadas, por exemplo de farmácias”,* refere o historiador. Sublinhe-se que “a tradição azulejar estava a desaparecer em Portugal fruto da golpada da Revolução Liberal e saída da Nobreza para o Brasil com a família real.

*É esta Burguesia que vai retomar a tradição através da fábrica Viúva Lamego. O azulejo passa a ter um vocabulário muito próprio e tem de ser encontrada uma nova iconografia, contextualizada com a época”.*

Estamos na sala contígua à da porta da rua do estabelecimento, ornada com um aparatoso conjunto de azulejos. *“Manuel Moreira queria fazer parte do exclusivo grupo de membros da maçonaria, algo que nunca conseguiu. Quis impressionar e pensa-se que o facto de ter encomendado painéis de azulejos com forte iconografia maçónica tenha obstado a isso”.*



Antigo refeitório do Convento da Trindade. Realce para os painéis de azulejos onde estão representadas as estações do ano. créditos: Cervejaria Trindade

*“O segundo grande investimento que Manoel Moreira faz é nesta segunda sala (a do antigo Refeitório do Convento) Chamemos-lhe a Sala das Estações do Ano onde as mesmas estão representadas, uma vez mais, em robustas cenas em azulejos.*

Para além da evocação feminina às diferentes estações do ano, há elementos naturais com toques de orientalismo e as inevitáveis alusões ao Comércio e Indústria, produtos da nova era portuguesa.

*“O ecletismo é uma das marcas do século XIX”,* sublinha Anísio Franco.

Continuamos esta viagem Trindade adentro, tendo como destino o âmago da cervejaria. Chegamos à terceira sala, onde em tempos se situava a Capela. Momento para um virar de página. *“Em 1876, Manuel Moreira morre e é Domingos Moreira Garcia quem mantém a casa até 1920, altura em que é doada aos empregados”.*

*“Há um homem esperto que vai comprando as cotas dos empregados. Chama pelo nome de José Rovisco Pais e acaba por ficar como dono da fábrica de cerveja Trindade”,* adianta o historiador de arte.

Um início de século XX conturbado para a casa nascida nos idos oitocentistas. Após a morte de Rovisco Pais, a Trindade voga da Misericórdia para a Sociedade Central de Cervejas (Grupo Portugália).

Nos anos de 1940 o edifício é recuperado e modernizado e a cervejaria abre ao público como sala de refeições. Mais tarde faz-se independente e, já no século XXI volta ao Grupo Portugália Restauração, onde se mantém. Foquemo-nos nos anos de 1940 e nesta última sala denominada Folclore. *“Quem a decora é o arquitecto Keil do Amaral e, a mulher, Maria Keil [temos como obra, por exemplo, painéis para o Metropolitano de Lisboa], estuda a azulejaria portuguesa.*

*A Maria, aqui na Trindade, vai trazer para as paredes a grande arte corporizada numa matéria-prima que costuma adornar a calçada portuguesa, a pedra. As composições são modernas, naturezas mortas cubistas”.*

Anísio Franco conclui, uma vez mais reconstruindo em palavras aquilo que é o pulsar da memória. *“Na época havia aqui um palco com espectáculos de folclore”.* Na mesma toada revivalista pede-nos que nos sentemos nas cadeiras de madeira desenhadas também pelo arquitecto português.

*“Estão aqui desde 1940, são ergonómicas com um toque rústico”. Sim, também neste simples cadeira. tal como nos pastéis de bacalhau vive a história.*



Cervejaria  
Trindade

20C  
rua  
Nova da Trindade



# Finlândia

A Finlândia ocupa o primeiro lugar no ranking dos países mais felizes, pois lá vivem pessoas pontuais e trabalhadoras. Um pequeno país nórdico, onde 99% dos residentes vão à sauna pelo menos uma vez por semana e os cervos andam pelas ruas de cidades pequenas.

Apresentamos uma seleção de 10 factos sobre este belo e pacífico país.

1. Os finlandeses passam muito tempo na natureza.



2. Água potável gratuita



3. Quando uma criança nasce, é paga uma contribuição a cada ano até que ela complete 17 anos.



o concurso internacional de apresentando sua famosa “pizza

4. Lá tem a melhor pizza do mundo Tudo começou com a declaração do primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, onde dizia de que ele não gostava de comida finlandesa. Falou especialmente mal sobre a rena defumada, que não pode ser comparada com o presunto de Parma. Três anos depois, a Finlândia ganhou pizzas, batendo a Itália e Berlusconi” com carne de rena.



5. O país é um dos líderes mundiais em reciclagem de resíduos

Samuli Lintula / wikimedia



6. Alto nível de confiança pública na polícia LPfi / wikimedia



## Lili-Boulanger



**Lili Boulanger** est une compositrice française. Faisant preuve d'un immense talent musical dès sa tendre enfance, elle devient la première femme à remporter le Prix de Rome de composition musicale.

**Boulanger Lili 1893-1918** - fille d'un violoncelliste de la chapelle royale, fille de Ernest Boulanger, compositeur et professeur de chant au conservatoire, prix ... et de la cantatrice russe Raïssa Mychetska

Il semble que dès son jeune âge, Lili Boulanger (Marie Juliette Olga Boulanger, dite Lili ; 1893-1918) savait qu'elle ne séjournerait pas très longtemps sur ce planète.

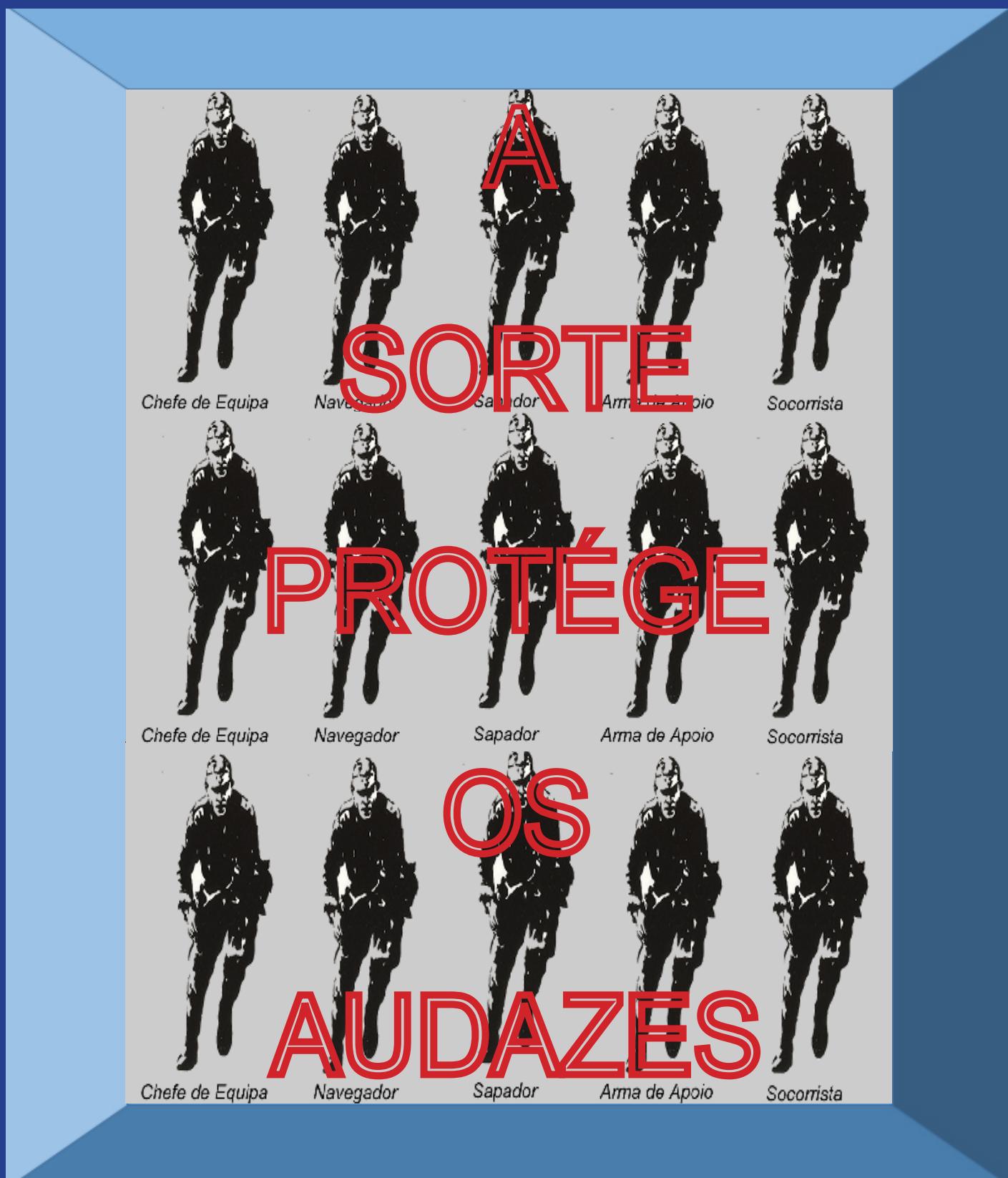


### Lili Boulanger - Compositrice

**Marie Juliette Boulanger**, dite **Lili Boulanger**, est une compositrice française, née le 21 août 1893 dans le 9<sup>e</sup> arrondissement de Paris et morte le 15 mars 1918 à Mézy-sur-Seine. Elle est la sœur cadette de la compositrice et pédagogue Nadia Boulanger. [Wikipédia](#)

Date/Lieu de naissance : 21 août 1893, Paris, France  
 Date de décès : 15 mars 1918, Mézy-sur-Seine, France  
 Grands-parents : Marie-Julie Boulanger, Frédéric Boulanger  
 Livres : 2 Morceaux: Nocturne and Cortege: Violin and Piano, Clairières dans le ciel. Testo italiano a fronte. Con CD Audio  
 Maisons de disques : Carus-Verlag, Deutsche Grammophon, PLUS

# COMANDOS



Ajudemos os COMANDOS do curso 127 que foram constituídos arguidos

**NIB - 0033-0000-45536014942-05**

As enormes despesas tornam muito apreciada a vossa esperada colaboração

**A Associação de COMANDOS agradece-vos : MAMA SUMÉ !!!**

O Presidente da AC

José Lobo de Amaral



# Um Projectista na Academia

- Vinte e cinco anos de Design Gráfico Para a Universidade de Lisboa: 25 Obras - Jorge dos Reis

15 de Novembro de 2022 a 15 de Dezembro de 2022

Reitoria da Universidade de Lisboa

## Destaques

Agenda Cultural

## Exposições

Um Projetista na Academia - Vinte e cinco anos de Design Gráfico Para a Universidade de Lisboa: 25 Obras - Jorge dos Reis

No âmbito das comemorações dos 10 Anos da ULisboa, decorre a exposição “*Um Projetista na Academia - Vinte e cinco anos de Design Gráfico Para a Universidade de Lisboa: 25 Obras*” de Jorge dos Reis, que terá inauguração no dia 15 de Novembro 2022, às 18h00, na Reitoria da Universidade de Lisboa.



Share *Um Projetista na Academia - Vinte e cinco anos de Design Gráfico Para a Universidade de Lisboa: 25 Obras - Jorge dos Reis*

O corpo de trabalho apresentado pelo Designer Gráfico e Professor da Faculdade de Belas Artes da ULisboa nesta exposição é revelador do diálogo e compromisso entre os diversos interlocutores da Universidade de Lisboa. Alavancando um conjunto de artefactos que geram, ao longo dos anos, novos paradigmas no contexto desta Instituição de Ensino Superior.

“O design gráfico é uma disciplina de mudança da sociedade que tem como objectivo principal desenhar a vida, uma reflexão essencialmente funcionalista, vertida em estratégias comunicacionais. Numa perspectiva francamente optimista, o design gráfico constitui-se enquanto disciplina erudita e em evolução, que tem o dever ético de descobrir e redefinir meios para melhorar o quotidiano.

Cada novo projecto, com a sua complexidade funcional, gera uma pergunta de partida, que remete para respostas necessárias e pragmáticas ao problema. Neste caso, numa matriz situada na tradição do modernismo europeu, rejeitando a cartilha pós-modernista; convocando um cristalino rigor geométrico das formas simples, despojadas e plasticamente novas e evidenciando paradoxalmente a natureza insólita da forma e da composição. No desenvolvimento destes vinte e cinco projectos de design gráfico verifica-se a preponderância permanente e indispensável do desenho enquanto instrumento de trabalho, no sentido de antecipar e prefigurar as formas. O esquisso sistemático e o posterior desenho infográfico permitem uma aproximação gradual ao artefacto gráfico ambicionado, numa procura incessante, afastando-se desejavelmente do previsível. Os desenhos tiram medidas e fixam relações hierárquicas, suscitando tensões que se tornam depois transparentes. A narrativa final congrega o todo e as partes, revelando o carácter lúdico e pedagógico da disciplina de design gráfico.

Desenhar permite estabelecer uma ligação táctil com o papel, esse material fascinante, exercitar a imaginação, a memória, numa relação de prazer através da coreografia natural do corpo e do olhar atento ao enredo, assente num saber antigo, onde se constrói uma conexão essencial entre o pensamento e o gesto da mão que segura a caneta, vertendo em todas as guinadas e rasuras a multiplicidade da repetição.”

Jorge dos Reis

## Jorge dos Reis - Síntese Biográfica

Jorge dos Reis, Unhais da Serra, 1971, Designer Gráfico. Vive e trabalha em Lisboa. Foi aprendiz compositor tipógrafo com um primeiro-oficial de tipografia da Imprensa Nacional numa antiga oficina tipográfica do Cais do Sodré. Iniciou o seu percurso projectual colaborando com o designer Robin Fior, em Lisboa, e com tipógrafo Alan Kitching, em Londres. Estabeleceu-se em atelier próprio em 1996. A sua obra é extensa e diversa, tendo uma actividade dual enquanto projectista e artista: faz design gráfico, tipográfico; expõe desenho, pintura.

Frequentou o Conservatório Nacional na classe de canto de António Wagner, estudando com os compositores Jorge Peixinho e Paulo Brandão enquanto se licenciava em Design de Comunicação na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Jorge dos Reis é Master of Arts pelo Royal College of Art em Londres, Mestre em Sociologia da Comunicação pelo ISCTE, Doutorado pela Universidade de Lisboa. Actualmente é Professor Auxiliar na FBAUL, onde fundou e dirige o Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas. Preside às Comissões de Avaliação Externa da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) e é membro dos painéis de avaliação para o financiamento de projectos da Direcção-Geral das Artes (DGArtes). Foi professor visitante em diversas instituições de ensino superior na Europa e no Brasil. Em Portugal leccionou em várias instituições, colaborando actualmente com o ISEC Lisboa – Instituto Superior de Educação e Ciências.

Realizou projectos de design gráfico para diversas instituições em Portugal e no estrangeiro. Dentro de um conjunto alargado de monografias impressas destacam-se cinco: a edição *Fragas Falantes, 20 anos 20 Tipos de Letra* (UBI, Covilhã, 2016); *Terra Plana – Humanismo e Formalismo, Vinte Anos de Prática Projectual em Design Gráfico 1996-2016* (Casa da Cerca, Almada, 2017); o livro *Tipografia, Identidade, Teatralidade, A prática permanente do desenho enquanto instrumento de trabalho no projecto de design gráfico e tipográfico para o Teatro Municipal Joaquim Benite, Companhia de Teatro de Almada 2017–2018* (Instituto Politécnico de Tomar, 2018); *Labor e Método, Oitenta e Oito Cartazes* (Editora Caleidoscópio, Museu Nacional da Imprensa); e uma mais recente edição, *Respirar d'baixo d'água, Peixe de Setúbal, Mercado do Livramento* (Câmara Municipal de Setúbal). No seu todo, quase uma trintena de livros, debruçados sobre a prática do design gráfico, da tipografia, do book design, do desenho e também da pintura, revelam um labor constante, obstinado e rigoroso.



# A entrada de certos hotéis é espectacular

O Editor: Anna D.

É uma obrigação para os melhores hotéis do mundo fazer bela figura, e muitos deles optam por fazê-la com entradas espectaculares para tirar o fôlego dos hóspedes e proporcionar-lhes uma inesquecível primeira impressão. Aqui estão as entradas de 6 + 6 hotéis mais incríveis do mundo:

## 1. Andaz Mayakoba Resort, México

Localizado na área leste da Península de Yucatán, este exótico resort mexicano é cercado por praias de areia branca e ruínas antigas. Embora essas coisas sejam impressionantes por si só, seu queixo cairá assim que você pisar no saguão do resort. Ele foi projectado pelo nativo da Costa Rica Ronald Zurcher e contém uma fonte de água no centro que é rematada com um óculo. É uma homenagem aos cenotes, que são reservatórios subterrâneos místicos encontrados na região.



## 2. Burj Al Arab Jumeirah, Dubai, Emirados Árabes Unidos

O Burj Al Arab Jumeirah Hotel é instantaneamente reconhecível como um símbolo de Dubai, mas o hotel de 300 metros de altura tem um interior igualmente impressionante. É ornamentado com folhas de ouro de 24 quilates, possui um aquário cheio de corais e é adornado com fontes caleidoscópicas. A exibição floral é cuidada por nada menos que 16 floristas encarregados de fornecer flores de todo o mundo.



## 3. Hotel El Palace, Barcelona,

Espanha. Um dos Ritz Carltons mais antigos do mundo, inaugurado em 1918, exala glamour e sofisticação clássicos. O lobby apresenta um lustre de cristal incrustado de pérolas e um par de escadas em cascata em caracol.



## 4. O Sanchaya, Ilha Bintan, Indonésia

Recém-inaugurado na ilha indonésia de Bintan, o Sanchaya tem duas entradas distintas. A primeira é uma sala VIP que foi construída para receber os hóspedes que chegam de ferry ou iate privado para que desfrutem de uma experiência de chegada e partida perfeita, e a segunda é a própria entrada principal, que compreende jardins formais que levam ao edifício principal do resort. The Great House, uma mansão de dois andares à beira-mar, contém a área de recepção e oferece vistas deslumbrantes sobre o oceano.



## 5. Hotel Hermitage, Nashville, Tennessee, EUA

O saguão do Hermitage Hotel, no centro de Nashville, Tennessee, é digno da realeza. O hotel foi construído em 1908 e foi actualizado ao longo dos anos para exalar



glamour e classe. Características renascentistas italianas e francesas são aparentes por toda parte, e os seus pisos são feitos de mármore do Tennessee. A joia da coroa do lobby, no entanto, é sem dúvida a clarabóia de vidro lindamente pintada no centro.

## 6. ITC Maurya, Nova Delhi, Índia

Localizado bem no coração da movimentada Nova Delhi, o lobby do ITC Morya possui uma das coleções de arte mais premiadas da Índia. O hotel é na verdade a principal propriedade do ITC e foi construído em homenagem à Idade de Ouro do Império Maurya. Na verdade, é um dos dois exemplos autênticos do projecto arquitectônico de Maurya em todo o mundo. O tecto do saguão é adornado com um impressionante mural intitulado "A Procissão da Vida", que foi pintado pelo artista indiano Krishen Kanna.



## 7. Art Hotel, Denver, Colorado, EUA

Contemporâneo é a palavra de ordem mais aparente ao experimentar este hotel ultramoderno e revestido de espelhos localizado no bairro dos museus de Denver. Seu lobby está cheio de peças de arte incríveis e também contém uma instalação de 22.000 lâmpadas LED. Além disso, há a Galeria Portico do hotel, que abriga obras da antiga curadora do Museu de Arte de Denver, Dianne Vanderlip. Ainda mais, a arte está localizada no quarto andar do hotel, com peças de arte moderna como "Industrial Strength Sleep" de Ed Ruscha em exibição..

## 8. Marquis Los Cabos, Los Cabos, México

Aentrada em arco deste incrível resort emoldura uma vista deslumbrante sobre o Mar de Cortes, que fica logo depois de três grandes piscinas. A recepção e os balcões da conciergerie são feitos de troncos de árvores recuperados, e os hóspedes são recebidos com um coquetel de boas-vindas e uma toalha gelada antes de serem convidados a se sentar nos belos móveis brancos e de vime no centro do lobby. Se isso não for suficiente para impressioná-lo, há também uma cachoeira de 40 pés e lareiras de vidro azul para apreciar, além de música ao vivo na maioria das horas do dia.

## 9. O Anam, Cam Ranh, Vietnã

O resort Can Ramh's Anam possui um lobby ao ar livre inspirado na era da Indochina do Vietnã e aproveita os mais de 300 dias de sol por ano que a área recebe. Além disso, a propriedade de 12 hectares é sombreada por incríveis 3.000 coqueiros. Ele fica no topo das areias brancas e águas azul-turquesa de Long Beach. Ao olhar para o oceano, os hóspedes podem ver sampanas (barcos de madeira tradicionais) espalhadas na água, bem como uma série de ilhas vietnamitas perfeitas ao largo da costa.

## 10. Fairmont Copley Plaza, Boston, Massachusetts, EUA

Este marco de Boston é um poderoso símbolo da rica história da cidade, e foi construído em 1912. Sua grande entrada é conhecida como Peacock Alley desde a década de 1920, e isso ocorre porque o fluxo de bostonianos bem vestidos passeando por parece que nunca acaba. Peacock Alley é revestido com mosaicos originais, e o lobby principal possui um tecto de 20 metros de altura repleto de lustres de cristal deslumbrantes. As paredes do hotel também são adornadas com obras-primas de Pablo Picasso e Salvador Dalí, para citar apenas algumas..

## 11. O Ritz-Carlton, Filadélfia, Penssylvânia, EUA

O Ritz Carlton da Filadélfia é uma obra-prima contemporânea com colunas que foi projetada por Handel Architects de Nova York, a mesma empresa que projetou o World Trade Center Memorial. O hotel começou como um banco em 1908 e foi construído em estilo arquitetônico neoclássico. Mármore abobadado espetacular, importado da mundialmente famosa Carrara, na Itália, serve como peça central impressionante do saguão do hotel.

## 12. Andaz Maui no Wailea Resort, Maui, Hawaii, EUA

Situado ao longo da Praia de Mokapu, uma parte da principal costa sudoeste de Maui, o Andaz Maui de 15 acres à beira-mar no Wailea Resort deixa os hóspedes de queixo caído graças à sua ponte de mármore Ambrato alinhada que eles devem atravessar para chegar ao lobby. O lobby ao ar livre foi projectado para refletir a humildade e simplicidade da hospitalidade havaiana. Há também vistas deslumbrantes da piscina infinita, lagoa de água salgada e oceano além, que podem ser apreciadas através de portas abertas.

# ÉNERGIE Sobriété : un plan pour passer l'hiver, pas plus

Faute d'engager une discussion démocratique sur la priorisation des besoins, le plan de sobriété minimaliste présenté le gouvernement ne permettra pas d'atteindre les objectifs d'économies d'énergie de long terme.

Par Matthieu Jublin

Le mot n'est plus tabou : « sobriété » fait désormais partie du vocabulaire de l'exécutif. Avant 2022, les occurrences de ce terme dans les discours d'Emmanuel Macron se comptaient sur les doigts d'une main. Un premier retournement avait eu lieu à Belfort, en février 2022, quand le Président a annoncé vouloir en même temps relancer le nucléaire, accélérer sur les renouvelables et « gagner en sobriété » en réduisant de 40 % la consommation d'énergie du pays d'ici 2050.

La guerre en Ukraine et les déboires du parc nucléaire français donnent désormais à cet objectif de sobriété un caractère d'urgence. Face au risque de pénurie énergétique, le gouvernement a présenté le 6 octobre un « plan de sobriété », qui vise deux cibles de court terme : passer l'hiver et réduire de 10 % la consommation d'énergie de la France d'ici 2024. Un projet ambitieux, vu qu'actuellement le rythme de diminution de la consommation d'énergie en France est d'environ 1 % par an.

Le gouvernement, qui sonne la « mobilisation générale » et répète que « chaque geste compte », semble à première vue tenir un discours cohérent avec cette intention. Son plan concerne presque tous les secteurs (à l'exception notable de l'agriculture) : logement, transports, et industrie bien entendu, mais aussi Etat, entreprises et organisations du travail, numérique et télécommunication, établissements recevant du public et grandes surfaces, sport, collectivités territoriales...

## Mesures structurelles et actions d'urgence

Quinze mesures phares sont affichées, dont quelques-unes présentent, il est vrai, un fort potentiel d'économies d'énergie. Le plan préconise par exemple l'application des températures de consigne – ne pas chauffer à plus de 19°C en hiver, ne pas refroidir à moins de 26°C en été – mais aussi l'installation de systèmes automatisés de climatisation, chauffage et ventilation (BACS) dans le tertiaire, la généralisation des thermostats et le respect des « écogestes électriques » (par exemple éteindre ses appareils non-utilisés). L'effet des autres actions demandées (favoriser le covoiturage, installer des LED pour l'éclairage public...) est plus faible ou incertain.

En plus de ce premier niveau de mesures, applicable en permanence, un second niveau consiste à mieux répartir sa consommation d'électricité sur la journée, non pas pour la diminuer mais pour limiter les pointes de consommation, donc les risques de coupure.

Le gouvernement assume de miser sur la bonne volonté des ménages et des entreprises

Enfin, en cas d'urgence, le gouvernement mise sur un troisième niveau d'actions ponctuelles, à effectuer par les ménages et les entreprises afin d'éviter le blackout : quand Ecowatt – le Bison Futé de l'électricité, piloté par le gestionnaire du réseau RTE – devient orange ou rouge, il est demandé de baisser le chauffage à 18°C, de travailler en horaires décalés, ou d'éteindre les publicités lumineuses, entre autre.

Cumulés, ces trois niveaux d'action permettraient d'effacer environ 10 % de la puissance électrique nécessaire à un instant T (soit 9 gigawatts) afin de passer la pointe de consommation. Au-delà des risques pour l'hiver, le gouvernement estime que les mesures du plan de sobriété « représentent un potentiel de réduction de consommation de l'ordre de 50 térawattheures (TWh) par an ». Soit environ 3 % de la consommation d'énergie annuelle française (qui oscille autour de 1 600 TWh). Ce n'est pas rien, mais cela reste loin des 10 % recherchés.

## Pas de contrainte

Pour atteindre ce niveau de baisse de consommation d'énergie, le gouvernement assume de miser sur la bonne volonté des ménages et des

entreprises. « La réussite du plan dépend maintenant de la responsabilité collective : chaque acteur a vocation à appliquer son plan d'action pour réduire de 10 % sa consommation », écrit la ministre de la Transition énergétique Agnès Pannier-Runacher.

« On fait le pari de la responsabilité » et on exclut toute « police de la température », assure pour sa part le ministre délégué à l'Industrie, Roland Lescure. Le plan ne contient ainsi presque aucune disposition réglementaire ou contraignante.

En revanche, l'Etat se doit d'être « exemplaire » afin de motiver tous les acteurs à jouer le jeu, ce qui veut dire que le secteur public fait l'objet de mesures spécifiques : réduction de l'usage d'eau chaude sanitaire dans les bureaux, limitation de la vitesse des véhicules de service à 110 km/h sur autoroute et 100 km/h sur voie rapide... Des gisements d'économie importants mais limités au secteur public et sans valeur juridique.

Une baisse forte et durable de la consommation d'énergie pour arriver à 10 % d'économies d'ici deux ans – et a fortiori à 40 % d'ici 2050 – impose des mesures structurelles, largement absentes du plan de sobriété.

Après les images désastreuses des jets ministériels et des moteurs de voitures qui tournent à vide dans la cour de l'Elysée, ce discours sur « l'exemplarité » est certes bienvenu, mais sa mise en pratique donc reste limitée. Plusieurs mesures pour le secteur public ont même été écartées, a révélé Le Monde, comme le remplacement de la flotte automobile de l'Etat par des véhicules électriques, l'instauration de jours de télétravail obligatoires pour les agents publics, ou encore l'indexation de la rémunération des hauts cadres du public sur des critères écologiques. Même chose côté privé, d'ailleurs : l'indexation de la rémunération des dirigeants des grandes entreprises sur le respect d'objectifs environnementaux, pourtant présente dans le programme présidentiel d'Emmanuel Macron, n'a pas été retenue.

## Manque d'ambition

Cela devrait suffire à passer un hiver sans coupures ; le reste est plus douteux. Une baisse forte et durable de la consommation d'énergie pour arriver à 10 % d'économies d'ici deux ans – et a fortiori à 40 % d'ici 2050 – impose des mesures structurelles, largement absentes du plan de sobriété.

Car 10 %, ça n'est pas rien ! Dupliquant la démarche gouvernementale, l'association Negawatt a publié, fin septembre, une liste de 51 mesures, en calculant quel devrait être leur taux de mise en œuvre pour économiser au moins 10 % d'énergie d'ici deux ans. Résultat : il serait possible d'arriver à 13 % d'économie annuelle, mais au prix d'une forte implication de la société.

Il faudrait par exemple que, rapidement, 30 à 40 % des logements et 25 à 30 % des bâtiments tertiaires (bureaux) appliquent la température de consigne à 19°C. Mais aussi que 30 à 40 % du secteur tertiaire coupe la ventilation de ses locaux s'ils sont inoccupés, ou encore que la vitesse maximale soit réduite à 110 km/h sur autoroute et 100 km/h sur voie rapide... Et ainsi de suite.

Bref, les associations qui militent de longue date pour la sobriété saluent l'objectif du gouvernement, mais doutent fortement de sa capacité à y parvenir. Le Réseau action climat (RAC), qui fédère 27 organisations écologistes, vante certaines « bonnes mesures », comme le report des trajets en avion vers le train si le trajet dure moins de 4 heures, mais déplore l'absence de portée contraignante de celles-ci. Il pointe par ailleurs l'absence de suivi des mesures volontaires prises par les acteurs économiques, et réclame un « reporting obligatoire ».

## La sobriété comme projet collectif

Diminuer durablement notre consommation d'énergie implique donc de « réduire nos consommations au-delà des petits gestes quotidiens, utiles mais insuffisants », rappelle aussi Nicolas Goldberg, expert en énergie au cabinet Columbus Consulting et responsable du pôle énergie de Terra Nova, dans une note d'août 2022.

Comment ? En faisant de la sobriété un « projet de société désirable sur le long terme », ce qui demande de construire « une offre publique de sobriété pour faire baisser durablement les consommations tout en préservant un grand nombre de services ». Infrastructures favorisant la mobilité douce, rapprochement des lieux de vie et des lieux de travail... La note insiste sur la nécessité de développer des « solutions collectives » ainsi qu'une « responsabilité collective et plus seulement individuelle des limites

planétaires ».

Un tel changement de paradigme semble pour l'heure exclu par l'exécutif. « La sobriété énergétique, ce n'est pas produire moins et faire le choix de la décroissance », a lâché Elisabeth Borne lors de la présentation du plan. Au diapason d'Emmanuel Macron qui expliquait le même jour, devant un parterre de patrons au salon Bpifrance, que la sobriété « ne veut pas dire produire moins ou aller vers une économie de la décroissance » mais « juste gagner en efficacité. (...) Tout ce qu'on peut faire pour produire encore davantage mais en dépensant moins ».

L'exécutif dévoie le sens originel du mot « sobriété », qui porte en lui un projet politique plus radical.

Problème : délibérément ou non, le Président confond ici sobriété et efficacité énergétique. La nuance entre les deux concepts est pourtant de taille : l'efficacité énergétique consiste à « réduire la quantité d'énergie nécessaire à la satisfaction d'un besoin », tandis que la sobriété conduit à « prioriser les besoins énergétiques essentiels dans les usages individuels et collectifs de l'énergie », explique Négawatt.

Prise seule, l'efficacité peut donc tout à fait être compatible avec une consommation accrue d'énergie, y compris d'origine fossile. C'est pourquoi elle n'est « réellement efficace qu'avec une logique de sobriété pour éviter les effets rebond », rappelle la note de Terra Nova. Concrètement, cela veut dire qu'il est souhaitable de gagner en efficacité énergétique en isolant les bâtiments, mais qu'il est crucial de ne pas utiliser ce gain pour chauffer son intérieur à 25°C...

### Repolitiser la sobriété

En cherchant à se différencier d'un supposé « modèle Amish », l'exécutif se borne donc à proposer essentiellement des actions de « chasse au gaspi » – mise en veille d'appareils, extinction des publicités lumineuses la nuit – et de sobriété au niveau individuel, comme l'application des températures de consigne. Se faisant, il dévoie le sens originel du mot « sobriété », qui porte en lui un projet politique plus radical.

« Ce brouillage voile en fait la profondeur de la remise en cause de notre régime de croissance à laquelle engage la sobriété », analyse l'économiste Olivier Passet, du cabinet Xerfi. « La sobriété, c'est abandonner délibérément et de façon organisée, des services, des flux physiques, des usages... Consommer ou s'équiper moins donc. » Or un tel projet collectif suppose nécessairement d'engager un débat démocratique sur la priorisation des besoins. Ce que le gouvernement se refuse encore à faire.

Ce dévoiement du concept de sobriété avait été anticipé. « Le risque est de voir la notion de sobriété se diluer dans une approche à peine élargie de l'efficacité énergétique, relevant à la fois du bon sens et de la rationalité budgétaire, au détriment d'une réflexion ambitieuse sur notre relation à l'énergie », écrivaient dès 2018 Luc Semal et Bruno Villalba dans l'ouvrage Sobriété énergétique (Quae). « Ce glissement sémantique fait perdre de vue ce qui fait la spécificité de la sobriété : sa capacité à souligner la dimension sociale, plutôt que technique, de la transition énergétique. »

### Sobriété énergétique et équité

Avant que l'exécutif ne se saisisse de la notion de sobriété, un vrai débat politique sur son contenu avait pourtant eu lieu au niveau national : en 2019 et 2020, la Convention citoyenne pour le climat a montré à quoi pourrait ressembler une discussion ambitieuse sur le sujet.

La Convention citoyenne pour le climat est parvenue à engager la nécessaire réflexion sur le partage équitable de l'effort de sobriété. Une dimension largement absente du plan de sobriété gouvernemental.

Cette expérience innovante a montré en quoi une prise en compte sérieuse de l'enjeu écologique aboutit à réglementer voire interdire certaines pratiques ou activités économiques jugées démocratiquement non-prioritaires, ou à en renchérir le coût (par exemple en taxant les voitures trop lourdes, l'aviation de loisir ou en régulant la publicité). En somme, à faire collectivement le tri en le soutenable et l'insoutenable.

Éclairée par l'expérience du mouvement des Gilets jaunes, la Convention est aussi parvenue à engager la nécessaire réflexion sur le partage équitable de l'effort de sobriété. Une dimension largement absente du plan de sobriété gouvernemental.

# Notícias do Novo Jornal...



de Angola

## Partido de Donald Trump conquista Câmara dos Representantes mas não consegue o Senado - congresso norte-americano dividido entre “burros” e “elefantes”.

Ao fim de dez dias, os resultados das eleições intercalares de 08 de Novembro já são definitivos e deixaram os Estados Unidos ainda mais divididos do que já estavam, com os “burros” a manterem o Senado e os “elefantes” a reconquistarem a Câmara dos Representantes no Congresso.

E novidades do Porto...(Viva o Porto)

Túnel entre Manuel Leão e o Hospital Santos Silva concluídoA Metro do Porto anunciou a conclusão do túnel entre Manuel Leão e o Hospital Santos Silva. Este é “mais um passo crucial para a ampliação da Linha Amarela desde Santo Ovídio até Vila d’Este”. Recorde-se que em Maio, tinha sido concluído o troço entre Santo Ovídio e Manuel Leão estando agora terminada a escavação dos 800 metros de túnel desta empreitada.

O presidente do Conselho de Administração da Metro do Porto, Tiago Braga, em visita à obra, destacou a importância deste acontecimento: “Trata-se de um momento marcante na extensão da Linha Amarela, uma vez que com a conclusão deste túnel, entre as futuras estações de Manuel Leão e do Hospital Santos Silva, ficam terminadas as obras que implicam a realização de trabalhos subterrâneos em Gaia”.

Pourtant, « si l'on n'arrive pas à organiser équitablement l'effort, alors il est fort à parier que la dynamique collective ne sera pas au rendez-vous et que les objectifs ne seront pas atteints », préviennent Mathieu Saujot et Andreas Rüdinger dans une note de l'IDDR. Hélas, le plan de sobriété n'évoque pas les jets privés...

Les deux chercheurs déclinent les nombreuses mesures possibles pour conjuguer sobriété ambitieuse et équité, notamment la tarification progressive de l'énergie : plus le volume consommé est important, plus le prix d'une unité d'énergie serait élevé.

Une idée reprise dans les propositions respectives des députés insoumis, écologistes et socialistes qui appellent à une sobriété « solidaire » ou « juste », et veulent mettre à contribution les entreprises et ménages les plus riches afin de financer les investissements nécessaires à une sobriété collective.

Tous les éléments sont en place pour organiser un débat démocratique sur ce que serait une politique de sobriété permettant vraiment de diviser par deux la consommation d'énergie française d'ici 2050. Pour l'heure, le gouvernement préfère défendre une vision dépolitisée de cette sobriété, qu'il espère suffisante pour passer l'hiver. Mais faute de réflexion sur l'ampleur véritable et la répartition de cet effort de sobriété, ces petits pas seront loin de suffire à passer le siècle.

## IMPORTANTE

# A «SIC» e a «Visão» no ataque despudorado à PSP e GNR

Extracto de texto de Gabriel Mithá Ribeiro

*Professor, investigador e ensaísta, doutorado em Estudos Africanos. Vice-presidente do Chega*

Alguém investiga o que os mesmos jornalistas, com ar sereno de donos do mundo igualzinho ao dos velhos inquisidores, dizem na privacidade das redacções «do» Ventura, Bolsonaro, Trump ou das pessoas de Direita?

Observador, 18 Novembro 2022,

A espaços vou acompanhando os noticiários televisivos. Tento evitá-los para fugir à onda de alienação mental que fustiga a espécie humana dependente de noticiários, e são poucos os que resistem com sanidade.

Tive hoje a infelicidade de ver partes de um ataque primário, boçal, ignorante do canal televisivo SIC às forças de segurança, Polícia de Segurança Pública (PSP) e Guarda Nacional Republicana (GNR), e a revista Visão reproduz o mantra para ser mesmo mantra. O pretexto da fancaria disfarçada de «investigação» eram mensagens ditas racistas, xenófobas, homofóbicas e outras rotulagens.

A estupidez e violência contra pessoas e instituições por parte dos jornalistas de causas, de facto, não tem limites.

É preciso deixar preto no branco que está por provar científicamente a existência de relações directas entre discursos (ou pensamentos) e práticas, isto é, está por provar que as atitudes sejam preditoras dos comportamentos. É o bê-á-bá da psicologia social. Não há relação directa entre aquilo que se diz e aquilo que se faz. Essa é uma forma de protecção da sanidade mental da nossa espécie. Quem não sabe isso não pode envenenar a opinião pública com a sua ignorância!

Pegar em mensagens ditas ou escritas em contextos privados ou de intimidade e, a partir disso, inferir ameaças ao espaço público através de comportamentos é, para dizer o mínimo, burrice e até talvez devesse ser crime quando envenena a opinião pública como fazem a SIC e a Visão.

Usar mensagens privadas de agentes da PSP e da GNR para impor lavagens cerebrais com a convivência de responsáveis governativos, no caso pertencentes ao Ministério da Administração Interna, coloca o poder do Estado na actualidade ao nível do controlo preventivo da mente e das sociedades equiparáveis ao nazismo ou ao comunismo estalinista ou maoísta. É a sociedade socialista!

Por uma questão de sanidade mental, a agressividade na linguagem privada remetida para objectos situados fora dessa relação de intimidade pode justamente prevenir os maus instintos que poderíamos manifestar, depois, no espaço público e, seguramente, suaviza o sofrimento psicológico para não descambarmos em depressões, como é o caso daqueles que fora da intimidade vivem momentos de stress recorrentes que impõem contenção que, por vezes, é uma forma superior de sofrimento, mesmo que circunstancial.

Os jornalistas ignorantes e irresponsáveis nestas matérias divertem-se a fazer reportagens como a que vi, selectivamente apontadas aos inimigos da esquerda – no caso, quem tem o dever de exercer a autoridade e sofre todo o tipo de pressões que impõem a máxima contenção, como os agentes da PSP e da GNR –, e nem sequer entendem que os grupos profissionais têm todos o mesmo direito a espaços profissionais de privacidade e intimidade para garantirem a sua sanidade mental.

O que vi na reportagem foi uma «investigação» que tratou abaixo de cão os elementos das forças de segurança, vezes sem conta humilhados na sua dignidade, desautorizados, agredidos enquanto cumprem com estoicismo a sua missão de garantirem a segurança física e dos bens de todos nós, ao mesmo tempo mal pagos, mal equipados, sem apoios, destratados todos os dias por quem governa há décadas e décadas, por vezes assassinados.

Alguém investiga o que aqueles mesmos jornalistas da SIC (ou da Visão), com ar sereno de donos do mundo igualzinho ao dos velhos inquisidores, dizem na privacidade das redacções «do» Ventura, Bolsonaro, Trump ou das pessoas de Direita? Alguém investiga o que certos políticos de esquerda dizem na privacidade dos gabinetes e refeições dos pobres, pretos ou homossexuais? Alguém investiga a privacidade dos juízes quando preparam decisões sobre traficantes de droga? O que dirão os médicos na privacidade do consultório ou da sala de operações entre si sobre um viciado em tabaco com um cancro no pulmão que dá água pela barba? O que dirão na privacidade os ilustres advogados sobre um distinto cliente como José Sócrates? Ou distintos académicos sobre alunas e alunos na privacidade? Por aí adiante.

Todas as profissões têm direito a um espaço de privacidade e intimidade em nome da sanidade mental dos seus profissionais. O que está profundamente errado, o que é violento não são os exemplos que dei, mas o ataque despudorado de miseráveis jornalistas de causas contra o direito à privacidade e intimidade dos agentes da PSP e da GNR, das profissões mais exigentes da vida social e, não por acaso, profissões crescentemente atingidas pelo desânimo, frustrações, depressões ou suicídios. Isso aumentou ao ritmo do crescimento desta escória do jornalismo. Gabo a paciência dos agentes das forças de segurança!

É preciso que as forças de segurança saibam, também os portugueses e as pessoas em geral, que vivemos na era da Ditadura Mental de Esquerda. Vejam a reportagem da SIC ou da Visão. Está lá a monstruosidade esquerdista inteirinha!

As instituições que regulam o pensamento social foram tomadas de assalto pela esquerda: ensino, do básico ao superior, comunicação social e meios culturais e artísticos. Vivemos a reinvenção de uma das fórmulas mais invasivas e intimidatórias da intimidade dos sujeitos construídas ao longo da história, e cujo impacto sistemático não tem paralelo na face da Terra. Só no reino da fantasia se supõe existir equilíbrio mínimo nas disputas políticas entre a esquerda e a direita, posto que as rédeas do poder estão nas mãos de quem manda na cabeça das pessoas. É assim pelo menos desde os tempos da inquisição. Paradoxalmente, nesses momentos os povos vão despertando para o dever de regatarem, por si mesmos, a sua liberdade e sanidade mental.

frança e da Inglaterra declara a guerra ao Deus! oscicki ao povo polonez

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da imprensa estrangeira, de que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.

berlim. 1.º — O ministro dos assuntos exteriores da Alemanha fez um anúncio, a cerca de trezentos representantes da polónia. Tudo o que se sabe é que o governo polonês nomeou dr. Zygmunt Pilecki, ex-aprendiz de um dos principais emboscadores da polónia.